

DISPARIDADES ENTRE CIÊNCIA E FEMININO: obstáculos no caminho das mulheres entre histórias de controvérsias

Estér de Souza Batista Corrêa¹, Maria Poliana Leite Galantini², Juliana da Silva Pereira Cal³, João Emanuel Neves de Sousa⁴ Gênesis Guimarães Soares⁵

¹Universidade Estadual de Santa Cruz, Vitória da Conquista/Ba, Brasil
(esbcorrea.elet@uesc.br).

²Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista, Brasil

³Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista, Brasil

⁴Faculdade Maurício de Nassau, Vitória da Conquista/Ba, Brasil

⁵Centro Universitário de Excelência (UNEX), Vitória da Conquista/Ba, Brasil

Resumo: O texto aborda as dificuldades enfrentadas por mulheres que trilham o caminho da produção científica. Através do método de pesquisa bibliográfica, foram levantados dados e informações sobre o fenômeno em análise. Surgiram fatores estruturais envolvendo questões de gênero, raça e outras mazelas, indicando que o campo acadêmico não ficou imune à construção histórica, social e institucional de opressão feminina, afetando sua pretensa neutralidade, universalidade e caráter meritocrático.

Palavras-chave: Mulher; Ciência; Sexismo; Universidade.

INTRODUÇÃO

A trajetória feminina na ciência é uma narrativa de resiliência, brilhantismo e uma luta contínua por reconhecimento e equidade. Apesar dos avanços, as disparidades entre ciência e feminino configuram-se como um dos obstáculos mais persistentes no caminho das mulheres rumo à produção e legitimação do conhecimento científico (Sígolo; Gava; Unbehaum, 2021).

Embora a ciência seja frequentemente apresentada como um campo neutro, universal e meritocrático, a literatura revela que sua construção histórica, social e institucional tem sido marcada por processos sistemáticos de invisibilização, subestimação e exclusão das contribuições femininas (Liu; Jovic; Goodman, 2022). Desde o apagamento de trajetórias pioneiras até a reprodução contemporânea de estereótipos de gênero, a participação das mulheres na ciência tem sido condicionada por barreiras que transcendem a mera falta de acesso e se articulam a relações de poder profundamente enraizadas (Sartori, 2022).

Apesar dos avanços na inserção feminina na ciência, persistem desigualdades estruturais que impactam a trajetória acadêmica e profissional das mulheres (Carvalho; Coeli; Lima, 2018). Observa-se que fatores históricos, socioculturais e institucionais contribuem para a menor representatividade feminina em posições de liderança, bem como para disparidades no acesso a financiamento, reconhecimento e oportunidades de progressão na carreira (Dean *et al.*, 2012). Ademais,

aspectos como a sobrecarga decorrente da dupla jornada e vieses implícitos influenciam a produtividade e a visibilidade científica das pesquisadoras (Kumari *et al.*, 2025).

Além das barreiras estruturais, a ciência contemporânea reproduz estereótipos que associam a figura do cientista a características tradicionalmente masculinas, distanciando meninas e jovens do imaginário científico desde a infância (Silva; Rotta, 2024). Nesse contexto, os achados reforçam a necessidade de implementação de políticas e estratégias institucionais voltadas à promoção da equidade de gênero, visando não apenas a justiça social, mas também o fortalecimento da diversidade e da qualidade na produção científica (Kumari *et al.*, 2025).

Diante desse contexto, o presente trabalho adota o procedimento de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de sistematizar e analisar fontes diversificadas que abordam as facetas desencadeantes, consequentes e mantenedoras das disparidades entre ciência e feminino, contribuindo para a construção de uma ciência mais plural, inclusiva e socialmente comprometida.

MATERIAL E MÉTODOS

Para execução deste trabalho, adotou-se o procedimento de pesquisa bibliográfica proposto pelas autoras Lakatos e Marconi (2003). Segundo as



estudiosas, essa especificidade de pesquisa abrange uma maior variabilidade de fontes já publicadas. Com base nisso, os materiais selecionados incluem artigos científicos, resumos, textos jornalísticos, livros e canções. Por se tratar de um texto exploratório, uma delimitação de materiais bibliográficos reduziria o acesso a fontes diversificadas. Como critérios para seleção dos materiais, decidiu-se incluir materiais que abordam diversas facetas, como fatores desencadeantes, consequentes e mantenedores, do tema aqui discutido.

Após a delimitação do tema e a escolha metodológica, buscou-se os materiais selecionados no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), nos anais do cinco últimos Congressos Brasileiros Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia (CoBICET), em veículos de noticiários, em bibliotecas virtuais e materiais de conhecimento prévio das autoras(es). Essas fontes de pesquisas garantem um exame aprofundado de materiais diversos para abordar uma temática e chegar a novas conclusões, conforme descrito por Lakatos e Marconi (2003).

Dados os passos iniciais, chegou-se à sistematização das fontes para subsidiar a fundamentação teórica e discussão dos dados, como a autora Zambello, *et al.* (2018) aponta sobre a pesquisa bibliográfica. Ainda em consonância à pesquisadora e seus colaboradores, a sistematização das fontes se deu por meio de uma leitura fidedigna às ideias originais, retomando o que foi deixado por outros estudiosos como matéria-prima para os estudos presentes. O processo de leitura envolveu em agrupamentos, conceituações, reflexões e revisões foi conduzido à análise qualitativa dos dados, separando os dados para compreensão individual e reunindo-os, partindo do específico para o geral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções selecionadas evidencia que as disparidades entre ciência e feminino não se configuram como fenômenos pontuais, mas como expressões de construções históricas, sociais e institucionais profundamente enraizadas. A revisão bibliográfica demonstra que, ao longo do tempo, a participação das mulheres na ciência tem sido marcada por processos contínuos de invisibilização, subestimação e exclusão, mesmo diante de contribuições significativas para o avanço do conhecimento científico.

Nesse sentido, o estudo de Ferreira e Melo (2023), ao analisar o filme “Estrelas Além do Tempo”, contribui para explicitar como mulheres cientistas,

especialmente negras, tiveram suas trajetórias sistematicamente apagadas, apesar de sua relevância histórica. As autoras evidenciam que tais experiências não podem ser compreendidas de forma isolada, uma vez que são atravessadas por diferentes formas de opressão que se articulam, reforçando a importância da interseccionalidade entre gênero e raça. No entanto, sob uma perspectiva crítica, é possível observar que a utilização de produções cinematográficas como base analítica, embora potente do ponto de vista simbólico, pode limitar a compreensão de dinâmicas contemporâneas mais complexas, exigindo articulação com dados empíricos mais amplos.

Em diálogo com essa perspectiva, Sirvinskas e Gomes (2024) apresentam uma pesquisa sobre iniciativas de educação não formal voltadas à inserção de meninas na ciência, evidenciando que, apesar das barreiras historicamente construídas, existem movimentos contemporâneos que buscam transformar esse cenário ao promover acesso, incentivo e identificação desde a infância. Ainda assim, os dados apontam que tais iniciativas, embora fundamentais, não são suficientes para romper com estruturas mais amplas que sustentam essas desigualdades. Isso revela um limite importante: ações pontuais tendem a atuar no nível do incentivo individual, sem necessariamente alterar as bases estruturais que produzem a exclusão.

Assim, ao articular diferentes fontes, percebe-se que a ciência, frequentemente tratada como neutra e universal, é atravessada por relações de poder que influenciam diretamente quem ocupa esses espaços e quais saberes são legitimados. Essa constatação reforça a necessidade de não apenas reconhecer as disparidades existentes, mas de questionar criticamente os mecanismos institucionais e simbólicos que as mantêm.

A forma como a figura da mulher cientista é socialmente construída também aparece como um fator relevante na reprodução dessas desigualdades. Conforme discutido por Sousa *et al.* (2024), estudantes do ensino fundamental tendem a associar a imagem do cientista a características predominantemente masculinas, evidenciando como os estereótipos de gênero são internalizados desde cedo. Essa representação limitada contribui para o distanciamento de meninas em relação às áreas científicas, não por falta de capacidade, mas pela ausência de identificação e pertencimento. Contudo, é importante problematizar que tais percepções não emergem apenas do imaginário infantil, mas são continuamente reforçadas por práticas pedagógicas, materiais didáticos e representações midiáticas que pouco tensionam esses padrões.

Além disso, a análise das estruturas institucionais evidencia que as desigualdades de gênero na ciência estão profundamente articuladas a outras dimensões



sociais, como a raça. O ambiente acadêmico brasileiro ainda apresenta traços marcantes de androcentrismo e racismo, refletidos na baixa representatividade de mulheres, especialmente negras, nos quadros docentes das universidades federal. (da Silva; Gomes; Basile, 2024). Esses dados reforçam que o acesso à ciência não ocorre de maneira igualitária, sendo atravessado por relações de poder que historicamente privilegiam determinados grupos. Ainda assim, cabe destacar que a produção desses dados, embora fundamental, não necessariamente se traduz em mudanças institucionais efetivas, o que revela um distanciamento entre diagnóstico e ação no campo científico.

Por outro lado, produções culturais também se mostram como importantes ferramentas de problematização dessas desigualdades. A música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty, Mendonça (2009), tensiona os papéis tradicionais atribuídos às mulheres, questionando expectativas sociais que limitam suas possibilidades de atuação em diferentes espaços, inclusive na ciência. Ainda que não trate diretamente do campo científico, a obra contribui para ampliar o debate ao evidenciar como normas de gênero operam de forma transversal na sociedade.

Além disso, a proposta do “Túnel do Tempo: Mulheres na História da Ciência” (Vieira; Emmel; Krul, 2024) se configura como uma estratégia pedagógica potente para tensionar a invisibilidade histórica das mulheres no campo científico. A construção das três sessões, contemplando mulheres na ciência de forma geral, mulheres negras e cientistas brasileiras, permitiu não apenas ampliar o repertório dos participantes, mas também problematizar as condições sociais e históricas que contribuíram para a exclusão feminina. Nesse sentido, a proposta dialoga diretamente com Ignatofsky (2017), ao resgatar trajetórias frequentemente apagadas da história oficial.

As escritas narrativas das licenciandas revelam que a maioria dos estudantes não conseguia nomear mulheres cientistas, restringindo suas referências, quando existentes, à Marie Curie. Esse dado reforça o argumento de Chassot (2013) sobre a persistente desvalorização das contribuições femininas e a reprodução de uma ciência marcada por referenciais masculinos. Além disso, como apontado por Cordeiro (2022), tais lacunas no ensino de ciências contribuem para a manutenção de estereótipos de gênero que afastam meninas do campo científico. Dessa forma, evidencia-se que a ausência de representatividade não é apenas simbólica, mas produz efeitos concretos nas trajetórias educacionais e profissionais.

Um elemento importante a ser incorporado à discussão é o artigo “Mulheres na Ciência: relato de experiência de uma roda de conversa do projeto de extensão IFFSustentável – Internacionalização em Casa”, de

Pacheco (2024). O estudo evidencia o potencial de práticas extensionistas e metodologias participativas na promoção da representatividade feminina na ciência, ao criar espaços de diálogo entre pesquisadoras, estudantes e comunidade, aproximando o conhecimento científico das experiências sociais.

Os resultados, como o alto engajamento dos participantes e a ampliação da compreensão sobre a importância da representatividade, demonstram que iniciativas desse tipo contribuem para sensibilização e formação crítica, especialmente ao articular gênero, ciência e sustentabilidade no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entretanto, sob uma perspectiva crítica, o estudo apresenta limitações por se tratar de um relato de experiência localizado, com menor aprofundamento das estruturas institucionais que sustentam as desigualdades de gênero. Além disso, embora promova reflexões importantes, ações como rodas de conversa tendem a produzir impactos pontuais se não forem acompanhadas por mudanças estruturais mais amplas.

Assim, o trabalho de Pacheco (2024) reforça a relevância da extensão como espaço formativo e de resistência, mas também evidencia a necessidade de articular essas iniciativas a políticas institucionais contínuas, para que a promoção da equidade de gênero na ciência ultrapasse o caráter episódico e se consolide de forma mais efetiva.

A partir da metodologia bibliográfica adotada, o estudo de Soja e Giacomassi (2025) evidencia criticamente que as disparidades entre ciência e feminino não se limitam ao acesso ou participação, mas se manifestam de forma persistente na invisibilidade das produções e na baixa recorrência do tema nos espaços acadêmicos. A identificação de que apenas 1,3% dos artigos analisados abordam a temática “Mulheres e Ciência” explicita um cenário de sub-representação estrutural. Paradoxalmente, esses estudos apresentam maior engajamento, indicando uma demanda reprimida. Tal contradição sugere que o problema não está na ausência de interesse, mas na lógica de legitimação do conhecimento científico, que historicamente privilegia determinadas agendas.

No contexto digital, a etnografia on-line evidencia que espaços como o Instagram têm se consolidado como territórios de produção de conhecimento, visibilidade e resistência. Conforme Coradini e Dos Santos (2024), pesquisar na cibercultura implica compreender o pesquisador como um sujeito inserido em redes de produção e circulação de sentidos. Nesse cenário, trajetórias como a de Sara Wagner York revelam como narrativas digitais podem operar como dispositivos formativos e políticos. Ainda assim, é necessário problematizar que esses espaços também estão sujeitos a dinâmicas de visibilidade seletiva e



algoritmos que podem reproduzir desigualdades existentes.

A análise de obras como “Mulheres na Ciência: o que mudou e o que ainda precisamos mudar” (Oliveira; Roque, 2024) evidencia que, embora tenham ocorrido avanços no acesso das mulheres à educação superior, as desigualdades persistem nos espaços de poder e prestígio acadêmico. De forma crítica, observa-se que a obra, embora relevante, apresenta limitações ao aprofundar as interseccionalidades e ao propor estratégias estruturais de transformação.

De forma complementar, o livro “Histórias no DF para inspirar futuras cientistas” (Fiocruz, 2024) destaca-se ao ampliar a visibilidade de trajetórias femininas na ciência e favorecer processos de identificação, especialmente entre meninas e jovens. No entanto, ao privilegiar narrativas individuais de superação, a obra pode acabar deslocando o foco das condições estruturais que produzem e mantêm as desigualdades de gênero no campo científico. Essa ênfase, embora relevante no plano simbólico, corre o risco de reforçar a ideia de que o sucesso depende prioritariamente de esforços pessoais, invisibilizando barreiras institucionais, sociais e históricas.

Outros estudos, como Sousa (2021) e o texto do *The Conversation Brasil* (2026), aprofundam a compreensão das desigualdades de gênero ao evidenciar que elas não se manifestam apenas de forma explícita, mas também por meio de mecanismos mais sutis e naturalizados no cotidiano acadêmico. O chamado “efeito tesoura”, por exemplo, ilustra como, embora as mulheres sejam maioria nos níveis iniciais da formação acadêmica, sua presença diminui progressivamente à medida que avançam na carreira, especialmente em cargos de maior prestígio e poder. Esse fenômeno não pode ser explicado por escolhas individuais, mas está diretamente relacionado a barreiras institucionais, critérios de avaliação produtivistas e dinâmicas excludentes que favorecem trajetórias masculinas.

Além disso, a noção de “custos invisíveis” evidencia dimensões frequentemente desconsideradas nas análises tradicionais da ciência, como a sobrecarga com atividades de cuidado, o desgaste emocional, a necessidade constante de provar competência e a dificuldade de pertencimento em ambientes marcados por desigualdades (Sousa 2021; Brasil, 2026). Esses fatores, embora pouco mensuráveis, impactam diretamente a permanência e o desenvolvimento das mulheres na carreira científica. Nesse sentido, tais estudos contribuem para deslocar o debate de perspectivas que responsabilizam individualmente as mulheres, como falta de interesse ou dedicação, para uma análise estrutural, que reconhece a ciência como um campo atravessado por relações de poder.

No campo das políticas institucionais, Sartori (2024) evidencia que, embora haja avanços na criação de iniciativas afirmativas voltadas à inclusão de mulheres na ciência, tais medidas ainda apresentam alcance restrito e impacto desigual. Muitas dessas políticas concentram-se no acesso e na permanência inicial, mas não conseguem alterar de forma significativa as dinâmicas de progressão na carreira, como a ocupação de cargos de liderança, a distribuição de bolsas e o reconhecimento acadêmico.

Além disso, observa-se que essas ações frequentemente assumem um caráter compensatório, atuando sobre os efeitos das desigualdades sem, contudo, enfrentar suas causas estruturais. Nesse sentido, a permanência de critérios de avaliação baseados na produtividade intensiva, a ausência de políticas sensíveis à maternidade e a manutenção de culturas institucionais marcadas por vieses de gênero indicam que o problema não se resolve apenas com a ampliação numérica da participação feminina.

Além disso, estudos como Sousa e Arantes (2024) evidenciam que a maternidade continua sendo um fator significativo de desigualdade, revelando a ausência de políticas institucionais que garantam condições reais de permanência. A naturalização dessa sobrecarga evidencia como o modelo científico vigente ainda desconsidera experiências diversas, reforçando práticas excludentes.

Tendo isso em perspectiva, indicadores quantitativos (como o aumento do número de mulheres na graduação ou pós-graduação) pode produzir uma falsa sensação de avanço, ao ocultar desigualdades mais profundas relacionadas ao poder, à tomada de decisão e à legitimidade científica. Assim, a análise de Sartori (2024) reforça que a promoção da equidade exige não apenas políticas de inclusão, mas uma revisão mais ampla das estruturas, valores e critérios que organizam o campo acadêmico, sob o risco de perpetuar desigualdades em novas configurações.

A partir das discussões de Walczak e Silva (2024), é possível aprofundar essa crítica ao reconhecer que as desigualdades na ciência não se mantêm apenas por barreiras externas, como o acesso ou a permanência, mas também por meio de dimensões simbólicas e subjetivas que moldam o próprio modo de compreender o que é “fazer ciência”. Nesse sentido, a figura do cientista ainda é frequentemente associada a ideais de produtividade extrema, dedicação integral, genialidade e excepcionalidade, características historicamente construídas a partir de trajetórias masculinas e pouco acessíveis a sujeitos que vivenciam outras condições sociais, como mulheres, especialmente aquelas atravessadas por marcadores de raça, classe e maternidade.

Essa concepção não apenas exclui, mas também é internalizada, fazendo com que muitas mulheres



passem a avaliar suas próprias trajetórias a partir de parâmetros que já são, em si, excludentes. Assim, a desigualdade deixa de ser apenas uma imposição estrutural e passa a operar também no nível das expectativas, das autoavaliações e dos sentimentos de pertencimento, o que contribui para processos de autocensura, sobrecarga e até afastamento da carreira científica.

Em diálogo com Sandra Harding, essa discussão aponta para a necessidade de questionar a própria ideia de objetividade científica, tradicionalmente construída como neutra, mas que, na prática, reflete perspectivas situadas e historicamente privilegiadas. Já a partir de Heleieth Saffioti, é possível compreender essas desigualdades como parte de um sistema mais amplo de dominação, no qual as relações de gênero se articulam a outras formas de poder, estruturando não apenas o acesso aos espaços científicos, mas também os critérios de reconhecimento e legitimidade.

Dessa forma, torna-se evidente que a simples inserção de mulheres na ciência não garante transformação efetiva, pois, se os parâmetros de validação do conhecimento permanecem inalterados, há o risco de que essas mulheres precisem se adaptar a um modelo que reproduz exclusões. A crítica, portanto, desloca-se para a necessidade de repensar profundamente os valores, práticas e critérios que definem o fazer científico, abrindo espaço para uma ciência mais plural, situada e comprometida com a diversidade de experiências e saberes.

Por fim, a análise do estudo de Silva e Rotta (2024) evidencia que a imagem da pessoa cientista, entre estudantes, ainda é marcada por estereótipos masculinizados, brancos e elitizados. Esse cenário aponta para a responsabilidade da escola e da mídia na reprodução dessas representações, reforçando a necessidade de uma educação científica crítica e inclusiva.

Por tanto, os resultados indicam que as desigualdades entre ciência e feminino são sustentadas por múltiplos fatores, históricos, culturais e institucionais, que ainda limitam a construção de uma ciência verdadeiramente equitativa. Mais do que ampliar a participação feminina, torna-se fundamental transformar as bases que estruturam o campo científico, questionando seus valores, práticas e critérios de reconhecimento, de modo a construir uma produção de conhecimento mais plural, inclusiva e socialmente comprometida.

CONCLUSÃO

Realizar a pesquisa a respeito do tema mulheres na ciência corroborou a percepção de que a construção do

tecido social molda sobremaneira a participação feminina no campo científico.

Os dados encontrados falam de perspectiva de gênero, de raça e relações de poder, indicando que estamos diante de mais um cenário marcado por mazelas estruturais que aprisionam a manifestação feminina em toda a sua potência.

Como nas possibilidades de desenvolvimento acadêmico, no mercado de trabalho e mesmo na formação familiar, as mulheres traçam na ciência um caminho marcado por sexismo, opressão histórica e mesmo usurpação de conquistas científicas por elas alcançadas, quando descobertas importantes ou são atribuídas a pesquisadores do sexo masculino, ou não são devidamente destacadas no campo do ensino formal.

Trata-se de fenômeno complexo, pois tais aspectos formam a cultura, e esta, por sua vez, molda o papel masculino e feminino na sociedade, mantendo o arcabouço acachapante que impede a verdadeira liberdade de mulheres e meninas em todos os campos, inclusive o científico.

Novas pesquisas podem explorar ainda outros campos que parecem ter conexão com processo social aqui tratado, tais como a ligação com o patriarcado enquanto sistema social e estrutural, e aspectos limitadores como as bases da economia do cuidado, que afetam especialmente as mulheres na ciência em razão dos achados que demonstram como o espaço acadêmico valida fatores de produtividade e fazer científico incompatíveis com essas realidades.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente às diversas mulheres inspiradoras que, lutando contra forças tão potentes, deixaram marcas indeléveis no desenvolvimento científico. Marcas tão importantes que foram alvo de ações de invisibilização e apagamento, na tentativa de reduzir o brilho e o esforço de sua caminhada. Nosso reconhecimento à Rosalind Franklin, pela estrutura do DNA, à Lise Meitner, pelos estudos de fissão nuclear, à Jocelyn Bell Burnell, pela descoberta dos pulsares, à Chien-Shiung Wu, a “primeira dama da física”, à Ida Noddack, pela descoberta do Rênio e sugestão da ideia de fissão nuclear, à Katherine Johnson, pelo trabalho com cálculos matemáticos fundamental para o primeiro lançamento americano ao espaço, à Alice Ball, pelo tratamento eficaz contra a hanseníase, à Luma Nogueira de Andrade, a primeira mulher trans a adquirir título de Doutora no Brasil, à Nise da Silveira, pioneira na luta contra tratamentos psiquiátricos agressivos, à Ada Lovelace, por desenvolver um



algoritmo e se tornar a primeira programadora de computadores da história, à Mary Anning, por suas descobertas pioneiras como paleontóloga, à Trotula de Ruggiero, por ser a primeira ginecologista de que se tem registro, à Carolina Bori, por nomear o prêmio de mulheres e meninas na ciência, à Maria Montessori, por revolucionar o contexto educacional à nível mundial, à Margaret Floy Washburn, pela contribuição aos estudos de seres não humanos. Às mulheres cientistas que vieram produzindo antes de nós, concedendo a vasta bibliografia utilizada neste trabalho. E a tantas outras que seria impossível concluir o trabalho de nominar uma a uma.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, MS; COELI, CM; LIMA, LD DE. Mulheres no mundo da ciência e da publicação científica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. e00025018, 2018.

CHASSOT, A. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

CORADINI, F. dos S.; DOS SANTOS, E. O. Epistemologia travesti: uma etnografia online de Sara Wagner York. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/12825>. Acesso em: 7 mar. 2026.

CORDEIRO, T. L. **Contribuições da história de vida da cientista brasileira Bertha Lutz para o ensino de ciências**. 2022. Dissertação (Pós-graduação em Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

DA SILVA, T. P.; GOMES, S. H. de A.; BASILE, R. de C. Androcentrismo e racismo na ciência: análise do quadro docente das universidades federais do Brasil por sexo e cor/raça. **Intexto**, Porto Alegre, n. 56, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/134076>. Acesso em: 7 mar. 2026.

DE SOUSA, A. L. N.; et al. **Mulheres na Ciência: o que mudou e o que precisa mudar**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024.

DE SOUSA, T. S. S.; ARANTES, M. do S. o da S. a. Políticas de acesso e permanência de mulheres mães no sistema de pós-graduação na UFPI (Brasil). **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 9, n. 6, p. e249648, 2024. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/779>. Acesso em: 8 mar. 2026.

DEAN C, OSBORN M, OSHLACK A, THORNTON J. Women in science. **Genome Biol.** 2012;13(3):148. doi: 10.1186/gb-2012-13-3-148. PMID: 22405408; PMCID: PMC3439960.

FERREIRA, I. K. F.; MELO, M. G. de A. A Participação Da Mulher Na Ciência A Partir Da Análise Do Filme “Estrelas Além Do Tempo”. In: **Anais do IV Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cobicet2023/667422-A-PARTICIPACAO-DA-MULHER-NA-CIENCIA-A-PARTIR-DA-ANALISE-DO-FILME-ESTRELAS--ALEM-DO-TEMPO>. Acesso em: 8 mar. 2026

FIOCRUZ. **Histórias no DF para inspirar futuras cientistas**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, Gerência Regional de Brasília, 2024.

IGNOTOFSKY, R. **As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Blucher, 2017.

KUMARI B, HUSSAIN NF, KENNEDY SH, PAPAGEORGHIU AT, DAS JK, BHUTTA ZA. Women in science: bridging gaps in basic sciences. **Trends Mol Med.** 2025 Nov;31(11):973-976. doi: 10.1016/j.molmed.2025.07.005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIU L, JOVIC D, GOODMAN L. A Decade of GigaScience: Women in Science: Past, Present, and Future. **Gigascience.** 2022 Jun 29;11:giac069. doi: 10.1093/gigascience/giac069.

PACHECO, T. E. A. Mulheres Na Ciência: Relato De Experiência De Uma Roda De Conversa Do Projeto De Extensão Iffsustentável – Internacionalização Em Casa. In: **Anais do V Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cobicet2024/888706-MULHERES-NA-CIENCIA--RELATO-DE-EXPERIENCIA-DE-UMA-RODA-DE-CONVERSA-DO-PROJETO-DE-EXTENSAO-IFFSUSTENTAVEL--INTERN>. Acesso em: 8 mar. 2026.

PITTY; MENDONÇA, M. **Desconstruindo Amélia**. In: Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009. Disponível em <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5lWy56wzG69YCts5BV9fth?si=52f7d80142134a71>. Acesso em: 8 mar. 2026

SARTORI, T. L. Políticas afirmativas de acesso e permanência da mulher pesquisadora na Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 1–18, 2024. Disponível em:



<https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1897>.
Acesso em: 8 mar. 2026.

SÍGOLO, V. M.; GAVA, T.; UNBEHAUM, S.. Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. **Cadernos Pagu**, n. 63, p. e216317, 2021.

SILVA, L. L. da; ROTTA, J. C. G. Como Você Imagina Uma Pessoa Cientista? Mulheres Cientistas Na Visão De Estudantes Do Ensino Fundamental De Uma Escola Pública Do Distrito Federal. **Revista Ciências & Ideias**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e24152771, 2024. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/view/2771>. Acesso em: 7 mar. 2026.

SIRVINSKAS, É.; GOMES, E. F. Análise das estratégias adotadas por iniciativas de educação não formal para inserção de meninas na ciência. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 26, p. e024049, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/5325>. Acesso em: 7 mar. 2026.

SOJA, A. C.; GIACOMASSI, P. C. Mulheres na ciência ontem e hoje: ausência e invisibilidade em espaços de produção intelectual. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 9, p. 1–13, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/4090>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SOUSA, H, C, F. Mulheres Na Ciência: Apagamento Histórico E Desafios Atuais. In: **Anais do II Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cobicet/349943-MULHERES-NA-CIENCIA--APAGAMENTO-HISTORICO-E-DESAFIOS-ATUAIS>. Acesso em: 8 mar. 2026

The Conversation Brasil. **Ciência e desigualdade: custos invisíveis e efeito tesoura afastam mulheres da carreira científica**. G1, [s. l.], 11 fev. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2026/02/11/ciencia-e-desigualdade-custos-invisiveis-e-efeito-tesoura-afastam-mulheres-da-carreira-cientifica.ghtml>.

WALCZAK, A. T.a; DA SILVA, F. F. Reflexões sobre gênero, ciência e carreira científica a partir do olhar de docentes de uma universidade federal. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 39, n. 121, p. e13773, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13773>. Acesso em: 7 mar. 2026.

ZAMBELLO, A. V.; et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.